

CHASQUI



O CORREIO DO PERU

Ano 3, número 7

Boletim Cultural do Ministério de Relações Exteriores

Julio de 2005



Cerâmico Shipibo. Coleção do Museu Nacional da Cultura Peruana. Foto: Billy Hare.

COSMOVISÕES AMAZÓNICAS / A FILOSOFIA NO PERU
BRYCE, PERMISSÃO PARA SENTIR / POESIA: CARLOS OQUENDO DE AMAT
PERÚ, CONVIDADO DE HONRA EM GUADALAJARA

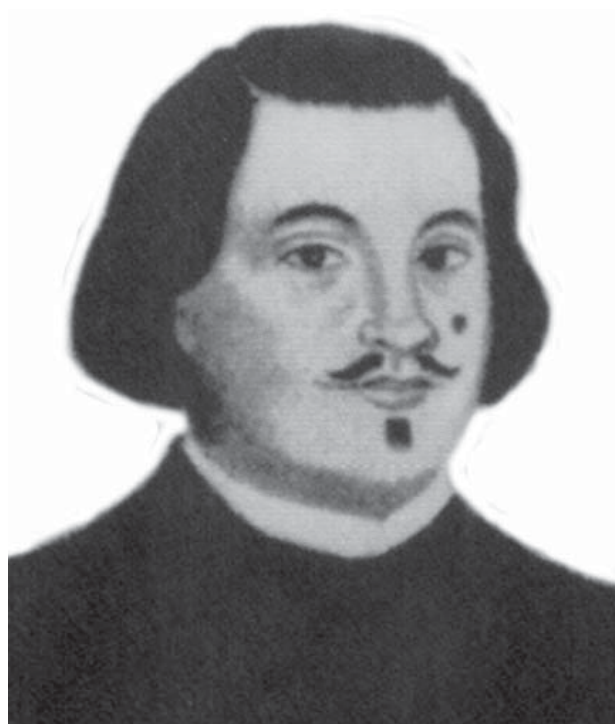
HISTÓRIA DE UMA CULTA MISTIÇAGEM O DEVER DA FILOSOFIA NO PERU

Pablo Quintanilla*

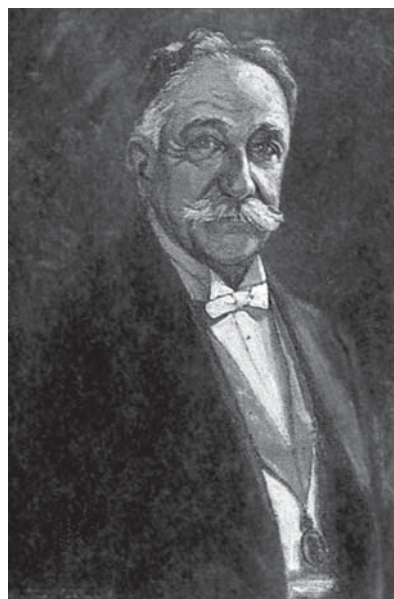
A filosofia apareceu no Peru como um reflexo, às vezes fiel, com frequência elaborado e em algumas ocasiões deteriorado, do que era discutido na Europa. Lentamente, à medida que as influências foram mudando e se diversificando, converteu-se num complexo diálogo de tradições, influxos e perspectivas, que é o crisol da atual filosofia peruana¹.

No Peru aconteceu com a filosofia algo semelhante ao ocorrido com outros processos culturais: a filosofia que se cultiva é o produto da integração de varias tradições. Nesse caso, é uma vantagem paradoxal não ter uma tradição filosófica fortemente consolidada que nos obrigue a nos concentrarmos somente no que tenha sido de nossa própria elaboração. Países que, como o Peru, se encontram às margens da produção acadêmica mundial, tem a vantagem de poderem se nutrir de várias e diferentes influências, especialmente das correntes filosóficas como a alemã, a francesa e a anglo-americana. Embora sendo difícil de acreditar, isso raramente acontece com os filósofos dessas mencionadas tradições, porque frequentemente desatendem à tradição vizinha pelo valor da própria tradição. O fato de estar exposto à variedade de influências e de opções intelectuais não é garantia de originalidade mas é uma condição necessária para ela aconteça, embora não sempre de fácil gestação.

Isso não significa que o Peru não possua uma interessante tradição filosófica. Certamente a possui, ainda que sua história seja mais curta que a européia. Mas para chegar a esse ponto, deveríamos nos perguntar se houve e em que sentido, uma filosofia no Peru antes do encontro com a cultura européia. Os povos indígenas pré-hispânicos tiveram, naturalmente, complexas cosmovisões. O que é mais discutível é que tivessem um conceito semelhante ao que os gregos denominaram «filosofia» ou uma atividade que pudesse ser chamada dessa maneira. Certamente houve no mundo andino um pensamento próprio e uma cosmovisão idiossincrásica destas terras, mas não é possível assimilar toda cosmovisão a uma filosofia. O que costumamos entender por filosofia é um fenômeno cultural que pode se caracterizar como um tipo de reflexão argumentativa sobre nossos conceitos e pressupostos gerais, e que se constrói sobre uma estrutura social de análise e reformulação radical de nossas mais essenciais crenças. Podemos supor que no mundo andino pré-hispânico houve indivíduos que refletiram sobre esses temas, mas não temos conhecimento de que tenha sido uma prática social.



Juan de Espinosa Medrano, «El Lunarejo» (Calcahuo 1632-Cusco 1688).



Alejandro Deustua (Huancayo 1849-Lima 1945).

Sendo assim, pode se afirmar que a reflexão filosófica, no sentido anteriormente considerado, começa a ocorrer no Peru com os diversos projetos educativos que aconteceram no Vice-reinado desde o século XVI, o que não significa que tenha sido uma reflexão filosófica «normatizada», para utilizar a famosa expressão que cunhou Francisco Romero. A filosofia se «normatiza» numa sociedade quando chega a ser um produto natural da mesma, não algo



Mariano Iberico (Cajamarca 1882-Lima 1974).

imposto, forçado ou artificial, e quando marca o começo de uma tradição. Se bem que, com o encontro de culturas principiou a reflexão filosófica no Peru, esta foi tão só uma extensão da filosofia que se realizava na Europa, pelo que não se pode afirmar que tenha sido uma filosofia normatizada, nem também uma filosofia, em algum sentido importante, peruana. As primeiras manifestações da filosofia peruana aconteceram precisamente durante as

discussões dos «espanhóis-americanos» em relação aos primeiros movimentos independentistas. Sendo assim, no fim do século XVIII e começo do XIX, apareceram pensadores que, não se sentindo espanhóis nem índios, mas mestiços, acharam necessário questionar os pressupostos da própria sociedade em que viviam, que era uma organização européia implantada artificialmente nas terras americanas. Mas, insistimos, o fato de que exista pensamento filosófico em terras peruanas não significa que haja uma filosofia normatizada. A meados do século XIX e começo do XX, movimentos tipicamente europeus como o positivismo e o espiritualismo, foram discutidos na América Latina, mas com características diferentes aos que aconteceram na Europa. A recepção desses movimentos na América Latina deu-lhes um tom diferente e criativo, que animou as primeiras discussões autenticamente filosóficas nos países do continente, gerando, agora sim, uma filosofia normatizada.

Em grandes traços pode se dizer que a filosofia no Peru passou por cinco etapas. Durante os séculos XVI e XVII, a influência predominante foi a escolástica espanhola e italiana, onde os principais referentes clássicos eram Aristóteles e Tomás de Aquino. Na realidade, a escolástica já estava sendo revisada na França, na Inglaterra e na Alemanha, dando origem à primeira modernidade, o que na Espanha e Itália só ocorria timidamente. Como consequência disso, a conquista da América espanhola realizou-se sob a ideologia escolástica, fundamentalmente de Francisco Suárez e Francisco de Vitória.

No Peru, o principal representante da escolástica foi Juan de Espinosa Medrano, apelidado «Lunarejo», que se propôs a defender os clássicos dos ataques dos modernos. Esse frade não somente ensinou e defendeu a interpretação tomista de Aristóteles durante o século XVII, mas também se opôs calorosamente aos ventos renovadores que já sopravam da França e Inglaterra, trazendo novas formas de racionalismo. É assim que, por exemplo, em seu famoso *Panegírico a Santo Tomás*, de 1684, Espinosa Medrano o defende dos embates da nascente

ilustração. Desde meados do século XVIII até meados do século XIX, começou a se produzir o afastamento da escolástica, através da chegada da influência dos filósofos europeus da modernidade, especialmente Bacon, Hobbes, Descartes e Kant. Surgem intelectuais cuja ideologia liberal republicana, influenciada pelos sucessos políticos da França e dos Estados Unidos, começa a gerar os movimentos enciclopedistas e ilustrados que gestarão a independência da coroa espanhola durante a segunda metade do século XIX.

Mas pode se afirmar que o verdadeiro início da modernidade no Peru surgiu com o grupo de intelectuais chamado «os amantes do país», que editavam a revista *El Mercurio Peruano*. Eles estavam familiarizados com autores como descartes, Rousseau, Voltaire e Spinoza, cujas idéias lecionaram na Universidade Mayor de San Marcos, provocando a desconfiança de dois importantes poderes: a coroa espanhola e a Igreja. A primeira via com desconfiança a defesa que os amantes do país faziam dos valores libertários, democráticos e, sorratamente, também republicanos. Do outro lado, também a Igreja desconfiava do cariz racionalista que tomava a filosofia européia, que também era apreciada e seguida pelos filósofos latino-americanos, empenhados em usar a razão pura como único critério de fundamentação de nossas crenças. Quando aconteceu a independência da maioria das nações latino-americanas, nas primeiras décadas do século XIX, o positivismo se apoderou da cena intelectual.

É assim que, desde a metade do século XIX até o começo do século XX, a influência mais importante é do positivismo, em certa medida o de Auguste Comte e principalmente o evolucionismo de Herbert Spencer e o naturalismo de Charles Darwin. O que trouxe o positivismo europeu a América Latina foi, principalmente, a exigência de progresso, desenvolvimento e industrialização, como também a consciência da necessidade de superar velhos atavismos desprovidos de crítica do, assim considerado, dogmatismo da metafísica e da teologia escolástica.

No Peru, os representantes mais importantes do positivismo acadêmico foram Javier Prado Ugarteche, Jorge Polar Vargas, Mariano H. Cornejo e Manuel Vicente Villarín. No âmbito externo à universidade, o mais importante positivista foi Manuel González Prada. Poucos positivistas peruanos reproduziram o modelo positivista clássico. A maior parte deles o interpretaram em conexão com outros autores, criando assim posições, em algum sentido, originais. Esse foi o caso de Jorge Polar, que vinculou seu spencerismo com o de Kant, William James e Croce e, mais tarde, naturalmente com Bergson e Boutroux. Joaquín Capelo o fez com Leibniz e Mariano H. Cornejo com Wundt. Mas o auge do positivismo foi efêmero. No final do século XX, os filósofos que tinham se deixado seduzir pelas promessas de ordem e progresso do positivismo, assim como com a esperança



Casarão da Universidade Nacional Mayor de San Marcos.

de uma explicação científica definitiva do universo, começaram a questionar este modelo por considerá-lo excessivamente reducionista.

Dessa maneira, desde o começo até a metade do século XX, dá-se a irrupção do espiritualismo. As influências mais importantes desse período são de Henry Bergson e Emile Boutroux. No Peru, seus representantes mais destacados foram Alejandro Deustua e Mariano Iberico, assim como Ricardo Dulanto, Humberto Borja García e Juan Francisco Elguera.

Os espiritualistas reagiram contra o empirismo e cientificismo positivista, desenvolvendo teses onde sustentavam a possibilidade de uma intuição criadora não material, responsável pela liberdade e autonomia. Foi assim que o conceito de liberdade se fez o centro do

pensamento de Alejandro Deustua. Era possível imaginar que o positivismo entrasse em decadência mais que tudo, porque seus principais inimigos tinham escrito antes de que ele aparecesse. Com Kant, principalmente, e os neokantianos, a dicotomia entre determinismo natural e autonomia da vontade, sugere que a explicação nomológica, própria das ciências naturais, não chega a dar sentido aos fenômenos humanos mais importantes, precisamente como a liberdade, o gênio e a intuição criadora. O desenvolvimento das idéias pós-kantianas e a posterior hermenêutica de Dithley, assim como a chegada em cena de Nietzsche, acabariam de pôr fim ao positivismo e permitir a entrada do espiritualismo ao Peru.

Com a chegada do marxismo a

América Latina, no começo do século XX, o panorama filosófico se diversificou ainda mais, notavelmente com José Carlos Mariátegui e Victor Raúl Haya de la Torre. Estes dois autores elaboraram o pensamento marxista, dando-lhe uma interpretação própria. Não obstante, os elementos positivistas contidos no marxismo, principalmente a unidade de conceito de conhecimento e também certo determinismo histórico ainda que matizado, mantiveram-se no pensamento marxista peruano do século XX. Como consequência disso é que o espiritualismo tenha passado demasiadamente rápido, não tendo oportunidade de se estabelecer, consolidar-se e desenvolver posições mais criativas, embora seja indiscutível que suas intuições sejam suficientemente valiosas como para merecerem ser discutidas mais profundamente.

Finalmente, desde a metade do século XX até hoje, a característica predominante da filosofia peruana é a diversidade de influências e posturas, a ausência de uma escola dominante, a integração intelectual e uma criatividade maior, produto da mistura de diversas posturas filosóficas atuais. Entre estas estão a fenomenologia e a hermenêutica, a filosofia analítica, o marxismo e a escola de Frankfurt, o pós-estruturalismo e o pragmatismo, assim como a filosofia da ciência pós-kuhniana. O produto dessa mestiçagem é um diálogo cultivado e normalizado que, ainda dispar, alimenta o terreno para que surjam idéias que nos permitam entender-nos de maneiras mais esclarecidas. ●

¹ Algumas das idéias aqui expostas, encontram-se ampliadas e discutidas mais detalhadamente no meu artigo «Do espelho ao caleidoscópio: Aparição e desenvolvimento da filosofia no Peru». Em ARETÉ, Revista de Filosofia, Lima, Vol. XVI, nº 1, 2004.

O PENSAMENTO ANDINO PRÉ-COLOMBIANO

O conhecimento que temos sobre o pensamento peruano pré-colombiano, chegou até nós através das crônicas que começaram a ser escritas logo que aconteceu o encontro de culturas. Até onde sabemos, não existia uma única cosmovisão mas, uma superposição de muitas e complexas visões do mundo que compartilhavam algumas características. Estas cosmovisões costumavam ser sutis tecidos conceituais que incorporavam fibras religiosas e poéticas, além de explicações do ordenamento do cosmos e das diferentes dimensões da existência humana. O cosmos era concebido como constituído por tensões bipolares (acima e abaixo, visível e invisível, céu e terra, noite e dia, etc.), que em alguns casos davam lugar a divisões quadripartidas (os quatro suyos ou espaços do mundo, os quatro caminhos que saíam de Cusco, etc.). Este cosmos era organizado por uma divindade chamada pelos povos quechuas de Wiracocha o Pachayachachic, que significa «o criador do mundo». Esse Deus mantinha a ordem e a harmonia do universo no meio do seu devir natural. Não obstante, Wiracocha não é imaginado como transcendente ao espaço e ao tempo, nem como imutável pois o próprio Wiracocha mudava, se transformava e adquiria maior riqueza e significado através de seus atos. ●

BIBLIOGRAFIA

Breve seleção de alguns textos de filosofia produzida recentemente no Peru.

Luis Bacigalupo. *Intención y conciencia en la ética de Abelardo.* Lima, PUCP, Fondo Editorial, 1992.

José Carlos Ballón. *Un cambio en nuestro paradigma de ciencia: de la física moderna a la física contemporánea.* Lima, Concytec, 1999.

Miguel Giusti. *Alas y raíces. Ensayos sobre ética y modernidad.* Lima, PUCP, 1999.

David Sobrevilla. *La filosofía contemporánea en el Perú: estudios, reseñas y notas sobre su desarrollo y situación actual.* Lima, C. Matta, 1996.

Raúl Gutierrez (ed.). *Los símiles en la República de Platón.* Lima, PUCP, 2004.

Teresa Arrieta. *Ética y utopía en el mundo occidental.* Arequipa, Ediunsa, 1996.

Fidel Tubino. *Interculturalidad: un desafío.* Lima, CAAAP, 1992.

* Profesor da Pontificia Universidade Católica do Perú.

PERMISSÃO PARA SENTIR

— Alfredo Bryce Echenique —

Onde vivo? pergunta-se o grande escritor peruano num dos capítulos de suas recentes anti-memórias *.
Aqui fragmentos de sua própria resposta.

Meu apartamento em Madri não é só o lugar onde moro; é também o meu centro de trabalho. Isto é algo que as pessoas não conseguem entender bem, nunca. As pessoas esperam que a gente tome o metrô, o ônibus ou seu próprio automóvel e vá para o trabalho. Por conseguinte, no edifício que moro não falta quem acha que sou um homem esquisito, para não dizer um vagabundo, ou uma pessoa cuja mulher comparece todo dia ao seu centro de trabalho, enquanto seu marido vive de rendas ou do trabalho de sua mulher. Salva-me os fatos de que alguns dos meus vizinhos tenham descoberto um artigo meu no jornal ou na revista que lêem. Certo dia chegou à porta do meu prédio o chofer de um amigo meu. Pelo intercomunicador me disse que trazia um envelope para o jornalista hispano-americano do sexto andar esquerdo. Mas um dia também, depois de doze horas de permanência, de uísque, almoço com vinho, conhaque, jantar e mais conhaque, o amigo de uns amigos cubanos que chegou só para me entregar uma carta, foi embora finalmente depois de confessar que «tinha se prolongado um poquitico».

Feliz minha mulher que tem um escritório onde vai trabalhar. Eu, em troca, fico em casa sob o risco de que, as minhas horas de trabalho sejam sempre interrompidas por gente que está de passagem e termina por ficar outro poquitico. Às vezes até perdi a paciência e pus para fora alguém, a gritos. Às vezes fui inclusive injusto, porque a pessoa realmente estava disposta a entender e respeitar meus horários de trabalho e o fato de ter meu escritório em casa. E mais de uma ocasião, ri e até fiquei com pena de mim mesmo, ao me ver interpretando um novo papel no apartamento onde moro, para todos os que não me conhecem pessoalmente ou que aparecem simplesmente para pedir algo ou para fazer uma pesquisa, por exemplo, eu me converto em mordomo da família. Tocam a campainha, vou à porta e quando a abro e vejo que se trata de uma nova interrupção, digo logo: «Os senhores ainda não voltaram. Não, os senhores só regressarão dentro de alguns dias, eu não saberia lhes informar...».

Eu sei, sei perfeitamente: quando comece a sentir que perco credibilidade como mordomo, coloquei o aspirador num lugar estratégico, ou seja no meio do caminho entre meu escritório e a porta do apartamento. Quando a campainha tocou, caminharéi até a porta e depois de ligar o aspirador, farei uma cara de quem precisa interromper a interrupção: uma cara ajudada pelo barulho do aspirador ligado que deixei funcionando e ao que devo voltar



Alfredo Bryce Echenique. Foto: Arquivo Caratas.

rapidamente, porque ainda tenho que passar as camisas do senhor.

Não vou me deter mais nesse tipo tão comum de interrupção e em absoluto produtiva. Quisera falar agora da que só posso qualificar de interrupção imensamente produtiva afinal, daquela que não só é produtiva a longo e médio prazo mas, que costuma me levar através do Atlântico até o Peru de ontem, de hoje e de amanhã. Não se trata de uma armadilha da nostalgia. Não significa que um momento irrepetível do meu passado em Lima ou em alguma província peruana, invada o meu presente e o inunde de uma força latente de vida quando não é de lágrimas. Não. Estou falando de uma sensação que vivo e tomo a viver a cada instante e que não só me impede escrever uma linha sequer mas, além disso, me leva a deambular por cômodos e corredores de meu próprio apartamento a procura de algo que, no fundo, sou eu mesmo... E não sei porque isso me sucede quase sempre à mesma hora...

... Aquele momento da tarde no meu escritório quando chega a hora de acender a luz da minha mesa de trabalho e também a do sofá onde me sento a ler. A sensação de solidão e de asfixia peitoral é brutal e a gente até sente que precisa fazer uma ecografia cardíaca. Pior ainda... As cartas dos amigos peruanos cheias de recortes sobre isso e aquilo da imprensa diária lá no meu país... Estão encima da mesinha ao lado do sofá. Eu as releio sob a luz elétrica e adquirem um significado muito mais profundo. Uma notícia ruim de manhã vira péssima nessa mesma tarde-noite de lâmpadas acesas. Sobre a mesa os semanários peruanos que

devo, sim, que devo ler. Que tenho de ler imperiosamente.

Cardíaca e ecograficamente tenho o imperativo de ler, também, o Resumo Semanal de DESCO (Centro de Estudos e Promoção do Desenvolvimento). Acaba de chegar, e Estevão, o porteiro, o trouxe e me entregou com a alegria com a que me entrega sempre aquilo que, pelos selos do correio, sabe que vem de minha terra. Estevão, desgraçadamente, comete um erro semanal que eu, como não sou mais que o mordomo de minha casa, não me atrevo a corrigir. Recebo pontualmente, toda semana, a edição internacional de *La Nación*, de Buenos Aires e o grande Estevão, particularmente satisfeito, me entrega o envelope que também diz *La Nación* em letras grandes e bem negras. E me diz: « hoje dom Alfredo, eu lhe trago toda a sua nação».

Emotivíssima digressão que não me impede continuar vendo o que vejo: entre as revistas peruanas estão as excelentes *Debate*, bimestral e *Quehacer*, bimensal. Tenho que lê-las. A ecografia cardíaca me leva então às estantes de minha biblioteca. Além do livro que estou lendo, *Requiem por el Perú*, minha pátria, seis dos doze livros que me esperam para ler são de autores peruanos. Não necessariamente novelas. São livros de ciências sociais, de economia, livros que analisam a situação peruana em profundidade. Minha biblioteca às vezes nem parece a de um escritor. Se entrarmos, logo encontramos livros do Instituto de Estudos Peruanos, de DESCO e dessas efêmeras editoras peruanas que quase sempre editam pessimamente obras de excelente qualidade. Facilmente se compreenderá que a estas alturas da tarde a gente já

nem sabe muito bem onde vive. E como, nesse estado de angústia criativo-existencial. O criativo, algum dia, espero; o existencial, brutalmente esta tarde e a luz das lâmpadas que penetram na gente, nos surpreendem e ferem e nos deixam sem clareza alguma sobre o que estamos sentindo...

Não se pode ler, muito menos escrever. Não se pode ler nem as mencionadas revistas de análise e as fotografias das revistas semanais ferem muito mais. Bom, que seja poesia, mas só Vallejo e só um pouquinho. Um par de estrofes no máximo. E como matam! Alguns parágrafos de *Los ríos profundos* de José María Arguedas. A boca atrozmente seca. Hoje teria de escrever um artigo sobre os últimos acontecimentos político-sociais do Peru. E facilmente me atrevo a dizer que estou mais bem documentado que muitos conterrâneos lá na república de junco e capuli. Impossível. Amanhã começarei a analisar todo o material que tenho. Encontro-me num estado tão ecográfico que até me pergunto se tenho o direito a escrever um artigo sobre o Peru, sem morar lá, nem aqui, nem sequer em mim mesmo. Meus amigos, eu bem sei, me lêem com carinho, mas não devo me refugiar no sorriso fraterno com o que muitas vezes querem me perdoar a vida. *Los ríos profundos*, outra vez. Só me levam até a cozinha do meu apartamento para beber água e mais água: A geladeira é branca e eu sou um branco no Peru.

(...) Uma vez Julio Ramón Ribeyro me disse: «O único que aprendi de tantos anos na França é até que ponto sou peruano». E eu que passei da ecografia cardíaca a um estado de scanner numa dessas interrupções criativas a longo e médio prazo e que esta noite tampouco me atreverei a escrever uma só linha peruana, acabo de me vomitar eu mesmo de um scanner ou de uma vez por todas. Foi, enfim, a interrupção nacional, por chamá-la de algum jeito. E também já é hora de rir e de recordar que durante 1992, temendo maciças interrupções de desrespeitosos viajantes de passagem a Expo de Sevilha ou aos Jogos Olímpicos de Barcelona, gravei na fita de minha secretária eletrônica: «Estou fora da Espanha por algum tempo. Se quiser deixar uma mensagem, por favor espere o sinal». O pior, claro, que mais uma vez tive que telefonar para minha casa. Disquei o número, não tinha ninguém, ouvi a gravação com minha voz longínqua e ausente e desliguei convencidíssimo... Minha sombra não me segue a todas partes, é por isso que às vezes fico confuso... ●

* Alfredo Bryce Echenique. Permisso para sentir. Antimemorias 2. Peisa, Lima, 2005, 632pp. peisa@terra.com.pe

Leitura de um escrito inesquecível

PERMISSÃO PARA RECORDAR

Guillermo Niño de Guzmán

Doze anos depois de ter iniciado a publicação da série de suas *Antimemórias* com *Permissão para viver*, de Alfredo Bryce Echenique nos oferece uma segunda parte intitulada *Permissão para sentir* (Peisa, Lima 2005), que talvez seja o melhor que escreveu em muitos anos. A diferença essencial entre ambos volumes reside nas condições em que foram escritos. Enquanto o primeiro foi se publicando de forma imediata e se configurando a partir das entregas que o autor fazia à imprensa e enquanto se dedicava a outros livros simultaneamente, o segundo evitou esse caráter de *work in progress*, pois foi escrito de uma forma mais orgânica, sem interrupções e, mais que nada, sem que seus capítulos fossem aparecendo em jornais e revistas.

Essa diferença é importante porque o livro ganhou em coesão e uniformidade. Está escrito com mais cuidado, já que não sujeito aos prazos que obrigam o escritor a escrever com rapidez, urgido pelos iminentes fechamentos de edição. Portanto, não se trata de uma «prosa apressada»; está isenta de negligência, atenta, sim, ao ritmo e à coerência que devem ter frases extensas e complexas –com o propósito de simular um discurso oral– que prefere Bryce Echenique para envolver o leitor. Com este livro, o escritor peruano corrobora sua devoção por autores como Sterne, o que se percebe em sua opção por um estilo caudaloso onde abundam as digressões, as alusões e repetições de outros sucessos e personagens, obtendo assim uma espécie de mosaico existencial ao que convergem paralelamente as diferentes histórias que compõem (e se justapõem) uma vida.

Esta inclinação estilística do autor se encontra em consonância com sua pretensão de se afastar do gênero ao fazer, pelo contrário, umas «antimemórias». Claro está que esta denominação faz lembrar André Malraux, que a empregou para emoldurar os seus diversos livros autobiográficos. Mas, no caso de Bryce Echenique, a escolha desse título geral concorda bem mais com sua proposta e, sem dúvida, coincide com o rumo que sua obra tomou a partir de *Tantas vezes Pedro* (1977). E isso se deve ao surgimento de um elemento em sua concepção criativa que antes tinha sido contido, talvez porque o novelista se encontrava ainda empenhado em seguir outros modelos e não conseguia desatar completamente seus peculiares impulsos narrativos. Estamos nos referindo ao acaso, elemento que propiciou o frescor e espontaneidade no caminho bryceano, o que, além do mais, serviu para potencializar seu recurso ao humor.

Obviamente, o acaso e o humor desempenham um rol fundamental na obra de Bryce, embora seja arriscado usá-los. Porque, devido à tendência ao excesso que caracteriza Bryce Echenique, o abuso desses recursos pode causar certos desequilíbrios que, depois possam diminuir o efeito que se pretende conseguir. E nesse sentido, podemos afirmar que *Permissão para sentir* cumpre exatamente com o propósito de transmitir uma existência, na que a máscara do humor serve para disfarçar, pudicamente, situações muito dolorosas e inclusive, trágicas, porque nada melhor do que essa reconstrução eventual de episódios vitais, que não obedecem a uma ordem cronológica mas, às oscilações da memória, entregue, enfim, à intensidade das emoções, aos golpes que agitam o autor ao longo de seu périplo vital.

Mas, nesse livro autobiográfico Bryce Echenique não só compartilha intimidades conosco, sejam elas tristes ou engraçadas. Sua intenção vai além disso e proporciona a esse livro um valor adicional: fazendo um exercício retrospectivo, ao mesmo tempo se esmera em passar uma imagem do Peru, tal como se pode ler na seção «Che te dice la patria?», título que evoca um relato do seu mestre Ernst Heningway. Lá, nessas páginas, podemos constatar que, apesar do longo auto-exílio de trinta e cinco anos, o Peru nunca deixou de ser uma preocupação primordial para escritor, «uma ferida aberta que nunca cicatriza porque o pó penetra nela», como diria o velho Hem, tantas vezes lembrado nesse livro. E, claro, o olhar rápido e ágil de Bryce Echenique confirma que so não esteve sempre atento à complexa e mutável realidade peruana, mas também, como poucos, entendeu as raízes das crises e o fracasso da classe dirigente do Peru. Sem dúvida, suas sagazes e duras observações, sua relação de amor-ódio com o Peru, bastam para dar uma idéia da honestidade e da firmeza com que escreveu estas memórias, nas que não teve recato algum ao nos desnudar seu coração. ●



CARLOS OQUENDO DE AMAT/ POESIE

COMPÑERA

Tus dedos sí que sabían peinarse como nadie lo hizo
mejor que los peluqueros expertos de los transatlánticos
ah y tus sonrisas maravillosas sombrillas para el calor
tú que llevas prendido un cine en la mejilla

junto a ti mi deseo es un niño de leche

cuando tú me decías
la vida es derecha como un papel de cartas

y yo regaba la rosa de tu cabellera sobre tus hombros

por eso y por la magnolia de tu canto

qué pena
la lluvia cae desigual como tu nombre



COMPANHEIRA

Teus dedos sim que sabiam se pentear como ninguém fez
melhor que os peritos cabelereiros dos transatlânticos
ah e teus sorrisos maravilhosas sombrinhas para o calor
tu que levavas preso um cinema na face

junto a ti meu desejo é um menino de peito

quando tu me dizias
a vida é reta como um papel de carta

e eu regava a rosa de tua cabeleira sobre teus ombros

por isso e pela magnólia de teu canto

que pena
a chuva cai desigual como teu nome.

POEMA DEL MAR Y DE ELLA

Tu bondad pintó el canto de los pájaros

y el mar venía lleno en tus palabras
de puro blanca se abrirá aquella estrella
y ya no volarán nunca las dos golondrinas de tus cejas
el viento mueve las velas como flores
yo sé que tú estás esperándome detrás de la lluvia
y eres más que tu delantal y tu libro de letras
eres una sorpresa perenne

POEMA DO MAR E DELA

Tua bondade pintou o canto dos pássaros

e o mar vinha cheio em tuas palavras
e toda branca se abrirá aquela estrela
e já não voarão nunca as duas andorinhas de tuas sobranceiras
o vento move as velas como flores
eu sei que tu estás me esperando detrás da chuva
e és mais do que teu avental e teu livro de letras
és uma surpresa perene

POEMA DEL MANICOMIO

Tuve miedo

y me regresé de la locura

tuve miedo de ser
una rueda
un color
un paso

PORQUE MIS OJOS ERAN NIÑOS

Y mi corazón
un botón
más
de
mi camisa de fuerza
Pero hoy que mis ojos visten pantalones largos
veo a la calle que está mendiga de pasos.

POEMA DE MANICÔMIO

Tive medo

e me regressei da loucura

tive medo de ser
uma roda
uma cor
um passo

PORQUE MEUS OLHOS ERAM MENINOS

E meu coração
um botão
mais
de
minha camisa de força
Mas hoje que meus olhos vestem calças compridas
vejo a rua que está mendiga de passos.

Carlos Oquendo de Amat (Puno, 1905 - Navacerrada, Espanha, 1936) constitui uma das vozes mais originais e perduráveis da nossa vanguarda poética. Seu único livro, o deslumbrante *Cinco Metros de Poemas* (1927) tem merecido sucessivas reedições.

COSMOVISÕES UMA MANEIRA RELIGIOSA

Fernando San

A recente publicação de *El ojo verde*, numa edição impecável, e de outros títulos dedicados às cosmovisões ama

Todas as sociedades humanas procuram explicar o universo que as cerca. As cosmovisões são as concepções que diferentes sociedades desenvolveram, não só sobre seu próprio ambiente e o mundo imediato e visível, mas também sobre os espaços que se estendem além do que se pode perceber através dos sentidos. Tem algo de cosmografia, à medida que descrevem os traços do cosmo e delineiam sua estrutura; e algo de cosmologia, porque tentam explicar o universo em seu conjunto com também a interação entre suas partes. Mas à diferença da cosmografia e da cosmogonia, que no mundo ocidental se apresentam como disciplinas científicas, as cosmovisões estão indissolavelmente ligadas à experiência religiosa. Por esse motivo, todas as tradições religiosas, desde as grandes religiões missionárias, como o budismo, o cristianismo e o Islã, até religiões de caráter mais local, como as dos indígenas amazônicos, desenvolveram suas próprias cosmovisões.

Enquanto as concepções científicas se baseiam na noção de que a realidade é única, material e indivisível, as cosmovisões religiosas admitem a existência de múltiplas esferas da realidade que podem ser visíveis ou não desde o mundo da realidade da vigília. Isso não é alheio à tradição cristã. É assim que Dante Alighieri, na *Divina Comédia* apresenta sua versão da cosmovisão cristã medieval, que descrevia a existência de uma terra plana e de três espaços invisíveis: o inferno, localizado num hemisfério subterrâneo e composto de nove círculos descendentes: o purgatório, localizado num hemisfério aquático acima da terra e formado pelo antepurgatório e mais sete círculos ascendentes; e o paraíso, um espaço celestial ao redor da terra, composto por sete círculos planetários e três círculos estelares, e no último de todos habita a divindade com os anjos e os redimidos.

No caso das cosmovisões indígenas amazônicas, não só se considera a existência de diversos mundos, cada qual com topografias, habitantes e leis próprias, mas também a existência de diversas esferas no interior do mundo em que vivemos. Em verdade, um traço comum a estas cosmovisões é o conceito animista do universo, que postula que todo o material, seja objeto ou sujeito, tem uma contrapartida espiritual. No caso dos objetos, os fenômenos que chamamos de «naturais», e os animais, a dimensão espiritual é concebida como uma essência primordial: a forma primeira e verdadeira que tinham na origem dos tempos, antes de adquirirem a aparência atual. Estas essências, que geralmente tem formas humanas, são parte integrante das coisas, fenômenos e animais, mas costumam se desprender e vagar pela terra. Além disso, existem no mundo uma série de incorpóreos: divindades, demônios, espíritos benévolos e malévolos que podem adquirir uma aparência material e se tornarem visíveis, mas cujas essência é espiritual e invisível.

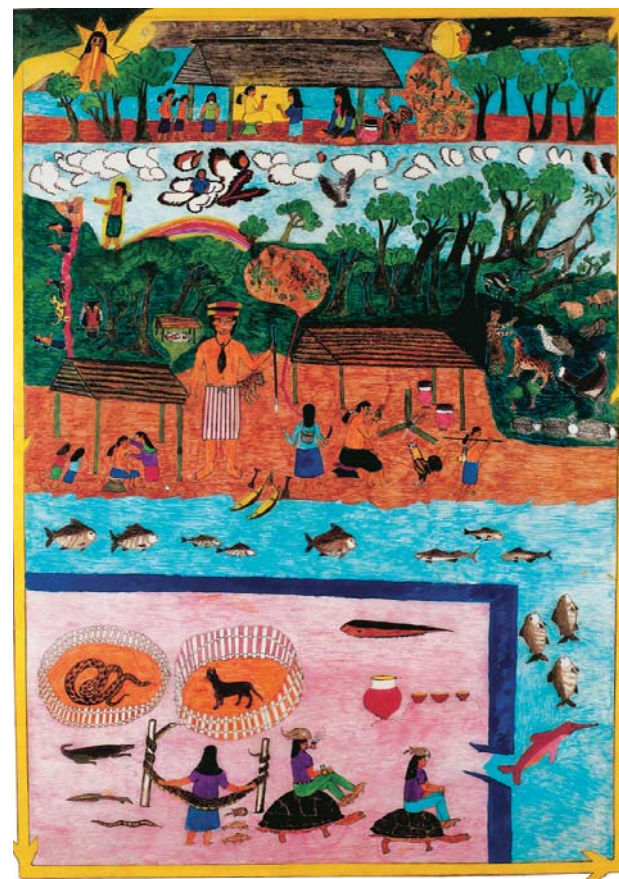
Para os indígenas amazônicos, a realidade é uma máscara, um disfarce que oculta a «verdadeira» realidade. Não por isso, no entanto, é uma realidade «menos real». Tanto

a aparência material como a essência espiritual são consideradas reais, mas enquanto a aparência é somente um «envoltório» passivo, atribuem à essência poderes extraordinários. Os mundos invisíveis, como também os seres espirituais e as essências primordiais que neles habitam, são depositários de conhecimentos e de forças místicas indispensáveis para o bem-estar dos seres humanos, e o bom funcionamento da sociedade. Por este motivo, um elemento central na experiência religiosa dos indígenas amazônicos, tanto no âmbito pessoal como no coletivo, é chegar a conhecer a dimensão geralmente invisível da realidade.

Segundo a religiosidade indígena, o acesso a esses mundos invisíveis só se consegue através de uma das múltiplas almas ou essências que compõem a dimensão espiritual do ser humano. Consegue-se isso através dos sonhos, quando a alma se desprende do corpo e vaga por este e outros mundos; através da ingestão de substâncias psicotrópicas ou alucinógenas, como são a ayahuasca, a datura e o sumo concentrado do tabaco, que se acredita, induzem a alma a se desprender do corpo e empreender viagens astrais; ou através de uma série de práticas ascéticas ou de modificação do corpo, como são vigílias e jejuns prolongados, que tem mesmo efeito. Através dos sonhos –homens, mulheres e crianças– podem experimentar contato com os mundos invisíveis e por meio deles, obter conhecimentos relevantes para a vida afetiva e produtiva. Mais só os especialistas, depois de um rigoroso treinamento, podem viajar a esses mundos sagrados e obter de seus habitantes, conhecimentos e poderes que lhes permitirão assim, ministrar depois, saúde ou enfermidade, vida ou morte, abundância ou destruição.

Geralmente, os povos indígenas acreditam que o bem-estar dos indivíduos e das coletividades depende de que se mantenha uma relação harmoniosa entre o mundo visível dos seres humanos e os mundos invisíveis das divindades, dos espíritos e das essências primordiais. A caça excessiva e o desperdício do que for caçado, podem aborrecer o espírito tutelar da caça ou a essência primordial da espécie animal caçada em excesso. O esbanjamento de comida pode despertar a cólera das essências primordiais das plantas e a dos espíritos protetores das plantações. Os seres assim ofendidos podem se vingar dos ofensores, escondendo os animais ou fazendo que as plantações fiquem improdutivas. Nesses casos, a harmonia e o equilíbrio entre os diferentes âmbitos do cosmo só podem ser restaurados através das práticas cerimoniais dos especialistas religiosos: chamãs, sacerdotes ou profetas. É também pelas celebrações rituais que elas protegem suas comunidades das obras dos espíritos maléficos que povoam os diversos espaços do cosmo.

A obtenção de conhecimento e poderes dos seres sagrados são fundamentais para a sobrevivência humana. Muito importante, também, é o papel que esses seres desempenham como fonte de criatividade e inspiração estética. Muitos dos desenhos usados na ornamentação de tecidos, cerâmicas, pedras lavradas e cestaria são inspirados pelos sonhos ou revelados por seres sagrados durante a realização de viagens astrais aos longínquos



AMAZÔNICAS SA DE OLHAR O MUNDO

tos Granero*

amazônicas, permitem uma aproximação a umas das experiências mais fascinantes da diversidade cultural do Peru.

mundos espirituais. O mesmo acontece com grande parte da música, dos cantos e danças. Em vez de estabelecer rígidas fronteiras entre a natureza e a sociedade, o humano e o animal, o sagrado e o profano, como fazem normalmente as sociedades de tradição ocidental, as cosmovisões indígenas se baseiam na multiplicidade das esferas da realidade, na permeabilidade de suas fronteiras e na ativa interação entre todos os seres que as habitam. A sobrevivência dos seres humanos depende muito de que seja guardado o equilíbrio harmonioso entre os habitantes desses diferentes mundos. ●

* Smithsonian Tropical Research Institute

Bibliografía

El ojo verde. Gredna Landolt editora, vários autores. Programa de Formação de Mestres Bilingües da Amazônia Peruana FORMABIAP. Associação Inter-étnica da Selva Peruana AIDSESP/Fundação Telefônica. Segunda Edição corrigida, com anexo em inglês. Lima, 2005, 266pp. O texto aqui reproduzido forma parte desse livro.

Ver também:

Los dueños del mundo Shipibo. Lastenia Canayo e Pablo Macera (editor). Universidade Nacional Maior de San Marcos. Lima, 2004, 240 pp.

Ikantakota Tsimeripayeni Janabetani (Relatos sobre las aves, en lengua asháninka)

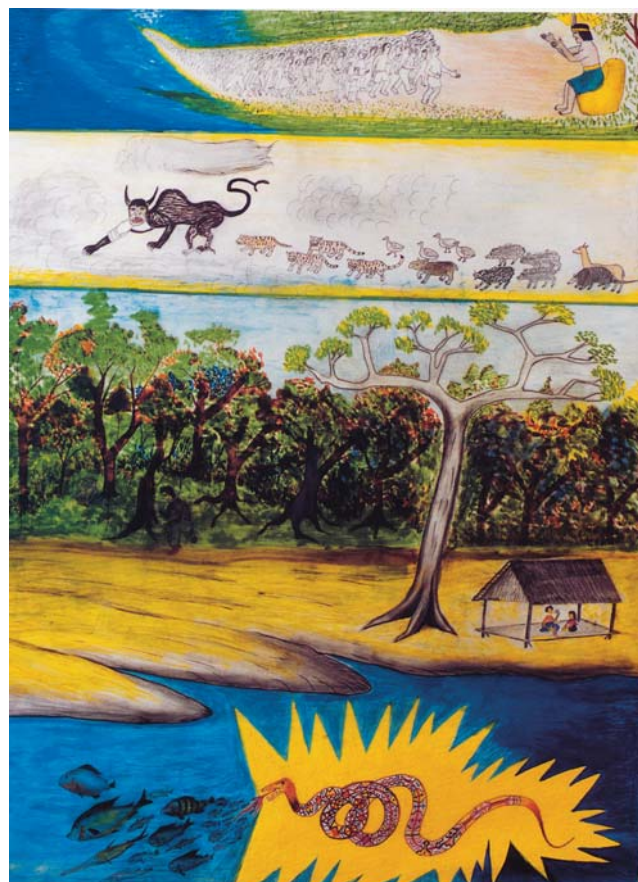
Vários autores. FORMABIAP/Instituto Superior Público de Loreto/AIDSESP/ IBIS. Satipo 2004, 124 pp.

El ojo que cuenta, mitos y costumbres de la Amazonía indígena, ilustrados por su gente/ EYES THAT TELL, myths and customs from indigenous Amazonia illustrated by its people. Gredna Landolt editora, vários autores. IKAM Asociación editorial. Lima, 2005, 164 pp.

1. *Mito dos Sacharunas*. Santiago e Rember Yahuarcani, huitoto. Tintas naturais sobre llanchama ou tela de casca de árvore. (*El ojo que cuenta*)
2. *Festa bora da Garça branca, Ichúba wañéhj+*. Jairo Churay. Tintas naturais sobre llanchama. 67x92 cm. Coleção particular.
3. *Cosmovisão do povo Kandozi*. José Hernando Zipina.
4. *Cosmovisão do povo Shipibo*. Elí Sanchez e Marcial Vásquez.



1



4

A DONA DA PLANTA CHURO

Este é a dona da Planta Churo e é assim: seu cabelo bem ralo, seu nariz parece mangueira, suas orelhas longas, seu braço fino, seus olhos pequeninos redondos e suas pernas tortas. O Churo é uma planta que cresce na terra de altura dentro do mato e também é remédio que tem seus segredos, também o Churo é um animal que vive na água e desta planta medicinal se faz remédio secreto para as mulheres que nunca podem ter filhas mulheres. E se prepara o segredo da planta para dar de beber à mulher quando é lua Nova, depois de sua menstruação e se prepara assim: primeiro avisar a sua Dona para que lhes apóie com seu poder, arrancar sua raiz mais grossa e depois esmagar e cozinhar, tomar todas as tardes até acabar e também fazer lavados da mulher e é assim esta planta Churo, mas é difícil de encontrar. ●

Tomado do livro *Los dueños del mundo Shipibo*. Lastenia Canayo. Coordenação: Pablo Macera. Fondo Editorial UNMSM. Série de Estudos Andinos e Amazônicos. Lima, 2004. 238 pp.



La dueña de la planta churo (A dona da planta churo). Lastenia Canayo.

O MILHO DOS ANDES

Fernando Cabieses*

Abordagem a um dos alimentos fundamentais da dieta peruana

Como os mexicanos e os maias, os antigos peruanos formaram uma civilização do milho. O cereal (que é uma graminéa) aparece reproduzido na cerâmica peruana de todas as culturas locais, mesmo nas mais antigas. Bonavía provou que o milho já era cultivado pelos nossos povos desde a época precerâmica. Tem uma poderosa significação mitológica, tanto no que se refere ao antropomorfismo de suas imagens como às lendas, mitos e ritos mágicos e religiosos nos que intervem em todos os níveis. Talvez isso se explique pelo fato de que era do milho que se preparava a chicha; e essa bebida alcoólica, misturada a outras substâncias, era a base das beberagens de uso religioso.

A antiguidade e a difusão do milho nos limites dos Andes antigos ainda é motivo de discussão. Embora Engels afirme que em nenhum outro ponto de nosso território tinha se encontrado restos desse cereal numa época anterior aos 3300 a.C., Bonavía, em sua profunda e extensa investigação, atribui-lhe uma vigência bem mais longa, perto de 5000 anos a.C. Afirma-se também que no México o milho apareceu aproximadamente na mesma época. Isso permite supor que a domesticação dessa planta importantíssima foi provavelmente simultânea no México e no Peru. A origem do milho sempre foi motivo de intermináveis discussões. Há quem considere, inclusive, que essa planta era conhecida na China antes do descobrimento de Colombo e que pelo menos uma das muitas variedades do milho é proveniente da Ásia.

Embora os fortes argumentos de Bonavía e de Grobman parecem por fim a polêmica de quem foi o primeiro e quem foi depois, as bases dessas alegações em estudos genéticos, cromossômicos e quantos haja, foram adquirindo complicações além do que aqui escrevo. Mesmo que essas teorias sejam pouco aceitas, a grande maioria dos setores eruditos, sempre considerou ser o milho de origem



Felipe Guaman Poma (1615).

totalmente americana. Pelo menos, é aceito o fato de que em nenhum continente o cultivo do milho se desenvolveu no grau em que foi encontrado pelos espanhóis na América.

Dentro de nosso continente, embora ainda durasse a discussão há quatro ou cinco décadas, já se aceita sem muitas protestas o

que os paleo-botânicos assinalavam com frequência: o México parece ser a fonte original do milho silvestre. Mas também se aceita, sem grandes argumentações, que foi no Peru onde os antigos agricultores conseguiram a maior sofisticação de novas variedades adaptáveis às mais diversas circunstâncias

geográficas e climáticas assim como às necessidades de produção e variado aproveitamento. Há zonas andinas onde o milho é cultivado acima dos 4000 metros sobre o nível do mar e existem variedades pré-hispânicas para todos os climas. Valdizán e Maldonado nos proporcionam uma longa e descritiva lista de variedades de milho nos alrededores do Cuzco. Cada uma delas tem seu uso específico e sua denominação no dialeto local.

No Peru pré-hispânico o milho foi consumido de muitas maneiras. Quando era cozido na água era chamado *muti*, que agora se traduz a *mote*; torrado era chamado *camcha*, agora *cancha*; pré-cozido na água e depois seco ao sol, recebia o nome de *chochoca*, usado até hoje. Preparavam-se uns pãezinhos ou broas que se chamavam *tanta*; o milho moído e cozido em diferentes envolturas, como tamales, se chamava *huminta*, atualmente *humita*; e havia uma preparação ritual chamado *zancu*, conhecida agora por sango o sanguito; nas grandes celebrações quando se misturava o *zancu* com sangue de animais sacrificados, se denominava *yahuarzancu*. O uso ritual do milho dessa forma, desapareceu devido à perseguição religiosa do século XVI.

O milho era usado, no Antigo Peru, principalmente para preparar a *chicha*. Raramente se comia o milho verde cru, exceto nos rituais religiosos ou nos jejuns severos. A espiga de milho verde se chamava e ainda se chama *choclo*, o que os mexicanos chamam de *elote*. Em quechua o milho recebia o nome de *sara* que evoluiu a *jora* (chicha de jora). E como a planta toda se relacionava com a alimentação, existiam vocábulos especiais, ainda usados no Peru, para denominar cada parte anatômica: *choclo* é a espiga tenra, *huiro* é o talo fresco, doce e refrescante; *chala* é a folhagem seca usada como forragem; *parhuay* é a espiga de flores masculinas; *panca* é a capa das espigas, etc. ●

«No Peru pré-hispânico o milho foi consumido de muitas maneiras. Quando era cozido na água era chamado *muti*, que agora se traduz a *mote*; torrado era chamado *camcha*, agora *cancha*; pré-cozido na água e depois seco ao sol, recebia o nome de *chochoca*, usado até hoje. Preparavam-se uns pãezinhos ou broas que se chamavam *tanta*; o milho moído e cozido em diferentes envolturas, como tamales, se chamava *huminta*, atualmente *humita*; e havia uma preparação ritual chamado *zancu*, conhecida agora por sango o sanguito; nas grandes celebrações quando se misturava o *zancu* com sangue de animais sacrificados, se denominava *yahuarzancu*.»

O importante aqui é saber que a palavra chicha não é peruana, mas caribenha, e que, junto a muitos vocábulos dessa mesma origem (amendoim, ají, milho, aipim, etc., etc.) nós a adotamos carinhosamente no uso vernáculo de nosso país. E não só para a cerveja de milho, nossa chicha de jora, mas também para outras cervejas de produtos amiláceos ou açucarados, e inclusive para refrescos não alcoólicos como é nossa incomparável chicha morada.

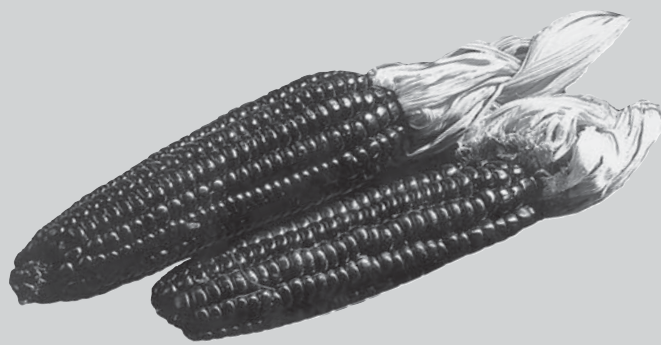
No Peru pré-hispânico, a chicha mas comum era, logicamente, a chicha de milho. Já vimos que o nome quechua do milho é sara e que o milho germinado se chama jora. Agora sempre dizemos «chicha de jora» para não a confundir com as outras chichas. A chicha de jora era a bebida habitual em todos os povos pré-hispânicos no Peru. De acordo à informação que temos, o homem comum nunca bebia água pura. Preparava sopas com diversos produtos ou preparava chicha que levava em cabaças ou recipientes cerâmicos.

A chicha ou vinho, devido ao baixo teor alcoólico e agradável sabor, quando se trata de preparações não fermentadas, são um elemento socializador que faz que comer ou beber em grupo, constitua um importante ato para a afirmação das relações humanas. Além de que esses líquidos que contem pouco álcool, se bebidos em grande quantidade ou misturados a aditivos psico-ativos, convertem-se facilmente em elementos que favorecem o aparecimento de estados alterados de consciência, como o

transe, que favorecem o amor humano, o misticismo e a comunicação com os misteriosos espaços sobrenaturais. Esta é a razão do simbolismo do vinho em atos religiosos contemporâneos. Esta é também a razão de que o álcool esteja presente em todas as misturas ditas afrodisíacas. A provável ação do álcool como desinfetante em todas essas misturas, é só uma irresponsável e gratuita conclusão das avisadas mentes modernas.

No Peru Antigo, a cerveja ou chicha (ambos vocábulos forâneos para denominar a mesma coisa) foi preparada com diversas matérias primas. O mais freqüente era usar o milho germinado que chamamos agora «jora». A chicha de jora continua sendo a bebida mais popular dos povos ancestrais do Peru. Faz-se também chicha de chunho (papa), de oca, batata doce, aipim, quínoa, amendoim, canihua, molhe, pijuayo, algarrobo, etc. Talvez seja por isso, que muitos huacos dos que se encontraram nos túmulos e que evidentemente foram feitos para guardar líquidos, levam esculpidas as efígies desses diversos

A CHICHA



vegetais. Todos eles talvez serviam para preparar bebidas que favoreciam a comunicação com os mundos sobrenaturais do transe e a inspiração mágica. Todos eles ajudavam os mortos na viagem ao além.

Grandes quantidades de chicha de milho eram consumidas nas refeições, banquetes e cerimônias; chichas especiais eram a base dos ritos sociais e religiosos das grandes ocasiões e festas, como a dos ritos propiciatórios para o Sol, a Mãe Terra, as huacas e as divindades. A ação intoxicante da chicha sagrada, que favorecia o transe místico, era reforçada no Peru na época da Conquista, com uma substância evidentemente alucinatória que chamava-se yale ou espingo, como narrou o Padre Villagómez. Atualmente já não sabemos o que era o espingo. Esse é um dos exemplos mais claros de confusão histórica que ilustram uma das formas que os missionários cristãos usaram para desaparecer muitos ritos e costumes que integravam as idolatrias autóctonas. Outra substância que se agregava à

chicha para obter o transe místico era a wilka, identificada atualmente como a semente da árvore conhecida botanicamente como anadenanthera colubrina.

Além das diferentes chichas acima mencionadas e que tem certa identificação local, atualmente no Peru, consume-se a chicha de jora e a chicha morada (roxa). A chicha de jora, como já vimos, é preparada a base de milho germinado. A germinação se produz em recipientes (crescedores) ou «poyos» grandes, com graus de umidade e temperatura favoráveis ao processo. Ao germinar, o amido do milho se transforma em açúcar. Quando o grão se abre e aparece o embrião com suas pequenas raízes, o processo é interrompido e o produto é seco ao sol ou levemente torrado. Depois de moído, agrega-se muita água e ferve-se bastante, logo se filtra e se deixa fermentar, o tempo necessário para obter o grau desejado de álcool. Em diversas regiões do Peru, este processo pode variar, adicionando-se açúcar mascavo ou refinado e modificando a forma de elaboração antes descritas. A chicha morada é geralmente, um refresco doce, não fermentado, feita de milho roxo, açúcar e especiarias, geralmente cravo e canela (...). ●

* Em 10.000 años de alimentación en el Perú. Cien siglos de Pan. 2da edição. Escuela Profesional de Turismo y Hotelería USMP. 258 pp. Lima, 1996.
www.usmp.edu.pe www.turismo.usmp.edu.pe

RECEITAS

TAMAL CRIOULO*

Por de molho 2 kg. de milho mote, na véspera. Ferver com bastante água, tirar do fogo, escorrer e agregar mais água. Repetir o processo. Escorrer e esfriar. Quando quase frio, descascar e moer agregando água suficiente para formar uma massa suave. Adicionar 4 colheres de óleo e 4 colheres de banha de porco. Deixar esfriar. Preparar um tempero com 2 colheres de óleo, 3 colheres de alho amassado, 3 colheres de pasta de aji mirasol, 1 colher de aji panca, 1 colher de cominho, sal e pimenta misturados. Juntar essa preparação à massa e misturar. Deixar esfriar. Preparar 3 quilos de perna de porco cozidos com água e sal e cortá-los em lâminas. Para envolver é preciso 8 folhas de bananeira. Colocar um pouco da massa temperada num pedaço da folha de bananeira (½ xícara), rechear com um pouco da carne de porco, tirinhas de aji amarelo, azeitona preta, ovo cozido e amendoim torrado. Formar um pacotinho retangular, amarrar bem e deixar cozinhar lentamente a vapor, por 2½ horas.

TAMALITOS VERDES
(Receta tirada de YANUQ
www.cocinaperuana.com)

Liquidificar os grãos de 12 espigas de milho com a quantidade necessária de líquido (água o caldo de frango). Preparar um tempero feito com 1 xícara de gordura vegetal, 1 xícara de cebola picada, 8 dentes de alho picados, 2 ajis amarelos sem sementes nem veias, cortados em tiras. Temperar com sal e adicionar 1 xícara de folhinhas de coentro, fritar por mais 2 mi-

nutos, deixar esfriar e bater no liquidificador. Misturar o tempero com o milho verde e cozinhar tudo a fogo lento por 20-25 minutos, até engrossar. Limpar as folhas das espigas de milho com água fervendo, colocar 1 colherada da preparação em cada folha (usar duas, se forem pequenas), pondo no meio um pedaço de frango e um pedaço de ají. Cubrir com mais um pouco da massa, dobrar cuidadosamente as folhas como pacotinho e amarrar com barbante fino. Colocá-los numa panela forrada com folhas de milho, com 3 cms. de água e cozinhar por 1 hora.

HUMITA*

Moer 2 quilos de milho (previamente escaldado com água quente para suavizar). Fritar 3 cebolas raladas, 4 colherinhas de alho amassado e dourar bem. Juntar 1 xícara de pasta de aji amarelo, 1 colherinha de cominho e sal, açúcar a gosto, refogar por mais 2 ou 3 minutos. Misturar o milho

moído com esse refogado e agregar um pouco de óleo e banha de porco. Para armar cada humita (pamonha) é preciso juntar 2 folhas das espigas superpostas e uma terceira que irá cruzada no centro. Colocar um pouco da masa, rechear com um pouco de queijo cremoso (tipo Philadelphia) e uma tira de aji amarelo, cubrindo com um pouco mais de massa. Formar pequenos pacotes retangulares e amarrá-los com linha. Cozinhar a vapor por 20 minutos aproximadamente. Servir quentes com molho crioulo.

MAZAMORRA MORADA*

Deixar de molho a noite inteira 50 gr. de abricós secos, 50 gr. de ameixas, 50 gr. de cerejas, 50 gr. de pêssegos. Descascar um marmelo, 1 abacaxi pequeno e uma maçã grande. Colocar numa panela grande as cascas das frutas com 3 cravos e um pedaço de canela, 3 litros de água e ½ quilo de milho roxo. Deixar ferver por 15 minutos e coar 1 xícara desse caldo, reservando-a para esfriar. Deixar ferver o resto do líquido até que os grãos do milho arrebentem. Descartar o milho e cozinhar nesse líquido todas as frutas que estiveram de molho, depois adicionar as frutas picadas (abacaxi, maçã e marmelo) e agregar 1 xícara de açúcar. N 1 xícara de caldo frio, dissolver a quantidade de maizena necessária para engrossar o caldo e deixar que cozinhe durante alguns minutos. Agregar o suco de 2 limões, mexer bem, retirar do fogo e servir em taças ou recipientes individuais, polvilhados com canela.



Foto: Miguel Etchepare*

CHICHA MORADA* (Receita de Cucho La Rosa)

Lavar 1½ kg. de milho roxo de molho, ferver com 3 litros de água, com os sabugos, 2 paus de canela, 1½ colher de cravo, 250 gr de cerejas ou ameixas, 2 marmelos cortados em quatro partes, 3 maçãs ácidas partidas também em quatro e a casca de 1 abacaxi. Deixar ferver até que os grãos de milho arrebentem (45 minutos a 1 hora). Retirar do fogo e coar, deixar esfriar e adoçar. Juntar o suco de 4 limões e as frutas picadas.

BOLO DE MILHO RECHEADO**

Ralar 8 espigas de milho verde cruas, bater 6 gemas com o milho. Agregar 2 ou 3 colheradas de açúcar e sal a gosto. Fritar essa mistura com 200 gr. banha. Deixar esfriar. Picar, separadamente, carne cozida (porco, vaca ou frango), azeitonas, ovos cozidos, passas sem caroço; temperar com sal, pimenta e um pouco de açúcar e fritar. Colocar a metade da massa numa forma refratária, espalhar bem, rechear com picadinho cobrir com o resto da massa. Cravejar com ½ xícara de amendoas descascadas em água quente. Salpicar açúcar fino e 4 colheradas de gergelim. Levar ao forno a 190°C até ficar cozido e dourado. ●

* El arte de la cocina peruana. Tony Custer. Lima, 2003. 270 pp.

** El Perú y sus manjares. Un crisol de culturas. Josie Sison Porras de De la Guerra. Mastergraf. Lima, 1994. 461 pp.

CIÊNCIA DA ADVERSIDADE

Marcos Cueto

Um novo esboço da história da ciência no Peru.

No começo do século XX, a investigação no Peru começou a se recuperar graças ao crescimento da economia de exportação, à estabilidade conseguida pelos governos da República Aristocrática e ao apoio cultural do positivismo. Apareceram defensores das idéias darwinianas como o médico Carlos Bambarén, quem escreveu artigos sobre la genética na «La crónica médica». Também se desenvolveram importantes estudos paleontológicos graças a Carlos I. Lissón, quem em 1913 publicou sua obra *Edad de los fósiles peruanos*. O botânico Fortunato Herrera, professor da Universidade San Antonio de Abad do Cuzco, analisou os nomes vulgares e científicos das plantas nativas que apareceram numa série de publicações como *Contribución a la flora del departamento del Cusco* (1921) e *Sinopsis de la flora cusqueña* (1940). Nessa época, os profissionais se agrupavam em sociedades como a Academia Nacional de Medicina, e se desenvolveram novas profissões ligadas à ciência, como a engenharia agrícola, graças à chegada de uma missão belga que organizou a Escola de Agricultura (hoje Universidade Nacional Agrária).

Os trabalhos botânicos mais importantes foram realizados pelo cientista alemão que, no século XX decidiu morar no Peru: Augusto Weberbauer. Em 1911 publicou, primeiro em alemão e depois em castelhano, sua monumental obra: *El mundo vegetal de los Andes peruanos*, onde relacionou as mudanças climáticas e geológicas com a flora. Segundo Weberbauer, as plantas andinas encontradas nos lugares mais altos, tinham traços específicos marcados pelo meio ambiente e estavam condicionadas pelo clima frio e seco, para sobreviverem. A partir de 1925, Weberbauer ensinou botânica sistemática na Faculdade de Ciências de San Marcos e, graças ao apoio do Field Museum de Chicago, realizou expedições a diversos lugares do país.

O Peru não esteve alheio ao desenvolvimento da Teoria do Germe da Enfermidade, surgida na Europa no final do século XIX com Pasteur e Koch, que refutou o conceito miasmático da enfermidade. Novos métodos estimularam o estudo das causas microscópicas e os meios de transmissão das principais doenças nativas. Isso levou Alberto Barton (1870-1950) a estudar o germe da verruga peruana e a febre de La Oroya. Esse trabalho dava continuidade ao fascínio por essas patologias que tinha manifestado Daniel Alcides Carrión (Cerro de Pasco, 1857-Lima, 1885), um estudante de medicina de San Marcos que mureu ao se inocular o sangue de un enfermo de verruga. Barton, que estudou em San Marcos e na Escola de Medicina Tropical de Londres, identificou o bacilo que causava a enfermidade de Carrión e o denominou *Bartonella bacilliformis* em sua própria homenagem. Posteriormente, estudos microbiológicos nacionais ampliaram esse interesse graças a um peruano treinado na Universidade de Johns Hopkins: Telémaco Battistini, quem fundou em 1936 o Instituto Nacional de Salud que publicava a *Revista de medicina experimental*, a primeira publicação biomédica y de investigación de laboratorio no país.

Outros avanços médicos importantes do começo do século XX foram o desenvolvimento da psiquiatria por Honório Delgado, que se interessou inicialmente pela psicanálise e manteve correspondência com Sigmund Freud.

Paujil.

Grças a Delgado e a Julio Óscar Trelles, em 1938 começou a editar a *Revista de Neuropsiquiatria*, uma publicação periódica que conseguiu ser publicada por todo o século XX. O doutor Pedro Weiss combinou seus estudos pela modernização da anatomia patológica com a antropologia peruana. Hermilio Valdizán e Juan B. Lastres produziram estudos notáveis sobre a história da medicina peruana e a medicina tradicional. O sanitarista e historiador da medicina Carlos Enrique Paz Soldán teve a cátedra de higiene na Universidade de San Marcos.

No fim da década del cinquentá, o Peru já contava com um grupo de pesquisadores e médicos que permitiam vislumbrar o futuro da ciência. Também pareciam se aproximar à conquista das aspirações de Unanue e Raimondi de convencer os governantes que os especialistas acadêmicos eram imprescindíveis para melhorar a economia. Nessa época já tinham sido criadas várias sociedades profissionais e científicas que funcionavam regularmente (como a Academia de Ciências Exatas, Físicas e Naturais fundada originalmente em 1938). A primeira diretoria da Academia esteve presidida pelo catedrático de matemáticas em San Marcos, Godofredo García, que tinha como principais objetivos promover estudos práticos e teóricos das ciências e assessorar o Estado. Aluno da Villarreal, Godofredo García (1888-1970) foi professor de geometria, trigonometria, cálculo e física em San Marcos, onde chegou a ser decano, vice-reitor e reitor honorário (...).

Algumas disciplinas se renovaram com a chegada de estrangeiros no século XX

como el químico francês Emmanuel Pozzi Escott, o oceanógrafo Erwin Schweigger, o geólogo George Petersen e o matemático polonês Alfred Rosenblatt. Esse último estudou matemática na Alemanha e chegou ao Peru em 1936 fugindo da perseguição nazista, e lá era um conhecido autor de mais de 130 importantes trabalhos em diversos idiomas, incluídas as contribuições à *Revista de ciencias*. Rosenblatt foi professor em San Marcos, onde formou uma geração de matemáticos entre os que se destacou José Tola Pasquel (que anos depois formaria com Mario Samamé e Gerardo Ramos o Instituto de Matemáticas Puras e Aplicadas da Universidade Nacional de Engenharia). Outro importante passo para o desenvolvimento das ciências físicas durante o século XX, foi a criação do Instituto Geofísico do Peru, em 1962, que se fundou sobre a base do Instituto Geofísico de Huancayo, que existia desde 1922 e que inicialmente foi apoiado pelo Instituto Carnegie de Washington. É importante remarcar que já durante várias décadas a localização especial dos Andes, serviu para a observação astronômica, como demonstra o fato de ter a Universidade de Harvard instalado um observatório em Arequipa no ano de 1890.

A meados do século XX, também apareceram novas universidades, faculdades, institutos e revistas ligados à ciência em Lima, como a Universidade Cayetano Heredia e nos outros estados, como a Universidade de Arequipa (estimulada por Eleazar Guzmán Barrón, um brilhante bio-químico peruano emigrado aos Estados Unidos) e a de Trujillo, que ofereceram oportunidades de estudo e

profissionalização a pesquisadores. Um importante marco no desenvolvimento de uma política científica foi, em 1968, a organização do Conselho Nacional de Investigación, antecessor do CONCYTEC.

Na segunda metade do século XX, nota-se que alguns pesquisadores tinham conseguido forjar num país multicultural e em processo de desenvolvimento, uma prática científica criativa e diferente a dos países industrializados, que pode ser resumida no termo «ciência da adversidade», termo que só pretende assinalar um padrão, uma tendência. De modo algum procura mascarar os problemas políticos, econômicos e culturais que teve a ciência peruana, nem legitimar a difícil situação actual da investigação no país.

«A ciência da adversidade» esteve caracterizada pela concentração em poucos problemas de pesquisa, la coexistência de temas de investigação teóricos e práticos, o nacionalismo, o uso de tecnologias que não fossem caras nem sofisticadas e a criação de redes internacionais onde pudesse ter liderança. Concentrando-se em poucos problemas (como o estudo da verruga) aproveitou-se o máximo o uso dos escassos recursos humanos. Como contraste, o desenvolvimento universitário norteamericano enfatizou a competência e o desenvolvimento paralelo de vários Departamentos e instituições. Ao combinar temas teóricos e práticos, respondia-se à demanda de uma ciência utilitária (que pode ser rastreada desde as reformas borbônicas do século XVIII). Num país pobre, as disciplinas que conseguiram se desenvolver mais foram as que (como la fisiologia de altura) tinham a possibilidade ou ao menos a promessa de progresso nacional em termos econômicos o sociais.

(...) O uso de tecnologias baratas significou aproveitar circunstâncias naturais e geográficas próprias ou únicas do país (como o fato de ter pessoas vivendo, permanentemente em lugares altos). Quando pelo contrário, o desenvolvimento da ciência norteamericana do século XX ficou dependendo cada vez mais do uso de equipamentos e materiais sofisticados e caros. A participação em redes internacionais, onde era possível ter um lugar de liderança, permitiu que alguns pesquisadores peruanos pudessem se livrar da dependência das tradicionais hierarquias científicas internacionais.

Esse estilo de fazer ciência em condições adversas, experimentou sérios problemas no final do século XX por causa da massificação do número de estudantes universitários e depois, pela violência política dos anos oitenta. Desde então, os problemas que a ciência peruana sempre enfrentou se intensificaram: o pouco apreço cultural pela investigação, o precário profissionalismo dos pesquisadores, dependentes de sua profissão, a imigração de cientistas formados no país, a falta de continuidade das instituições e publicações periódicas e a indiferença dos governantes e empresários. Atualmente, superar esses problemas históricos e recriar a «ciência da adversidade» continua sendo um desafio e uma tarefa pendente. ●

Extraído de «La ciencia de la adversidad: un esbozo de la historia de la ciencia en el Perú». Artigo publicado na revista *Unodiverso. Ciencia, tecnología & sociedad*. Ano 1, N° 1. CONCYTEC. Mayo 2005, 144 pp. www.concytec.gob.pe <http://www.concytec.gob.pe/unodiverso/UNODIVERSO.html>.

Ilustração: Albert Earl Gilbert.



SONS DO PERU

VÁRIOS ARTISTAS - «HOMENAJE A LA PACHAMAMA» (Cernícalo Producciones, 2005)

Ao longo de suas amplas trajetórias artísticas, Pepita García Miró e Manongo Mujica dedicaram grandes esforços a divulgar a riqueza de nosso acervo musical, valendo-se de ambiciosos projetos multimídia que misturam os códigos estéticos de nossas tradições costeiras, andinas e amazônicas com ritmos bem mais contemporâneos, como o jazz (Mujica é fundador do estuendo grupo Perujazz) e o New Age. Desta vez, no entanto, preferiram se distanciar de qualquer espírito pós-moderno e, a través de sua empresa discográfica Cernícalo Producciones, acabam de produzir *Homenaje a la Pachamama*, um álbum que reúne em 21 faixas alguns dos mais importantes expoentes da música vernacular das altas regiões de nosso país. Publicado como uma espécie de reação lógica e apaixonada, quando divulgado o Relatório da Comisión de la Verdad y Reconciliación (o dinheiro da venda dos discos será destinada às obras sociais na região de Ayacucho, a mais castigada pela bar-



Foto: Renzo Giraldo.

Alfredo Curazzi.

barie), esse disco impressiona não só pela beleza de cada uma de suas faixas, mais também por sua esmerada qualidade de produção. Nunca antes fora registrado tão fielmente o violino do grande Máximo Damián, o charango de Jaime Guardia (ambos foram grandes amigos do escritor José María Arguedas) ou dos sikus de Alfredo Curazzi (fundador do conjunto aymara Espíritu Sikuri). Figuram também canções de Manuelcha Prado, a Princesita de Yungay, Raúl García Zárate, o Indio Mayta e Cusi Urpi. Imprescindível.

TRAFFIC SOUND - «YELLOW SEA YEARS» (Vampisoul, 2005)

O rock peruano dos anos sessenta se converteu num verdadeiro fetiche para colecionadores e entendidos provenientes do mundo inteiro. Os discos de vinil originais, de bandas como Los Belking's, Los Saicos ou Los Shain's são cotizados a preços altíssimos nos mercados internacionais. Gravadoras dos Estados Unidos e Europa lançaram generosas reedições e antologias dos grupos mais representativos dessa febril etapa da música pop no Peru. Traffic Sound foi o mais internacional e afamado dos grupos peruanos do fim dos anos sessenta e começo dos setenta. O selo espanhol Vampisoul, que já lançou antes luxuosas edições de Black Sugar e a compilação *Back to Peru*, acaba de editar esta seleção dos 18 temas mais representativos do grupo liderado por Manuel Sanguinetti, hoje proprietário de Doble 9, a única emissora de rádio dedicada exclusivamente à difusão do rock and roll na frequência modulada nacional. Guitarras elétricas, percussões latinas e um imaginário rigorosamente hippie se misturam num

álbum que permite entender melhor porque os críticos forâneos escrevem tanto (e tão bem) sobre o rock peruano dos anos sessenta.

LUNA - «EMILIO» (Independiente, 2005)

Longe de qualquer tendência dominante nos cenários locais, o primeiro disco da jovem cantora e compositora limenha Natasha Luna é tão enigmático e inclassificável como as letras de suas onze canções, todas cantadas em inglês e francês. Aproximam-se mais à *chanson* francesa, ao *vaudeville* e aos devaneios de Nick Cave ou Leonard Cohen, Luna realiza em Emilio um sinuoso percurso pelos flancos mais dolorosos da experiência amorosa. Planos e violoncelos que redundam em atmosferas quase claustrofóbicas, colidam diretamente com a voz de uma cantora que transmite fragilidade e malevolência em proporções quase iguais. Não sabemos exatamente de onde procede, mas esperamos ansiosamente sua nova produção. Natasha Luna é a nova avis rara da música popular peruana. (Raúl Cachay) ●

AGENDA

APRESENTAÇÃO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO PERU - A AGENDA DIGITAL PERUANA

No passado mês de junho foi apresentado em Lima o Plano de Desenvolvimento da Sociedade da Informação no Peru. A Agenda Digital Peruana é o resultado do esforço conjunto dos setores público e privado, acadêmicos e representantes da sociedade civil que se reuniram durante 18 meses no contexto da Comissão Multi-setorial para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CODESI). A Agenda Digital contém um plano de ação com uma série de atividades de curto e médio prazo que procuram desenvolver a chamada Sociedade da Informação em nosso país mediante a criação de uma infra-estrutura básica e o aproveitamento integral das tecnologias da informação e das comunicações (TICs). O plano tenta conseguir a integração informática do Peru através do uso intensivo de Internet e está orientado a desenvolver áreas sociais sensíveis, como a educação, a saúde e os serviços à cidadania. Constitui também um guia

necessário para fixar a posição peruana na Segunda Fase da Reunião de Cúpula Mundial da Sociedade da Informação que se realizará na Tunísia no mês de novembro próximo. O documento da Agenda Digital Peruana pode ser revisada na página web

<http://www.peru.gob.pe/AgendaDigitalPeru/agendadigitalperu.htm>



Casa Aspíllaga.

CENTRO CULTURAL INCA GARCILASO

De acordo com o Plano de Política Cultural do Peru no Exterior, o Ministério de Relações Exteriores pôs a serviço da cultura nacional uma bela mansão republicana do centro histórico de Lima, contígua ao palácio de Torre Tagle, que de agora em diante se denominará Centro Cultural Inca Garcilaso. A mansão, antes conhecida como Casa Aspíllaga foi integralmente

restaurada com a generosa contribuição da Agência Espanhola de Cooperação Internacional e a Escola Oficina de Lima, e hoje forma um versátil complexo. Conta com uma galeria de arte —ocupada agora por uma amostra antológica do mestre Fernando de Szyszlo—, uma sala de uso múltiplo —atualmente com uma exposição do legado do artesão Hilario Mendivil— a biblioteca, batizada com o nome do ilustre Raúl Porras Barrenechea; uma sala de exposições bibliográficas, agora com o legado do poeta Xavier Abril e dois salões de atividades que levam os nomes dos ilustres diplomatas Javier Pérez de Cuéllar e José Gregorio Paz Soldán, respectivamente. O complexo hospedará no futuro o Museu de Relações Exteriores do Peru e habilitará também uma livraria especializada em temas peruanos, um café e outros espaços complementares. O Centro permitirá apreciar as máximas expressões da nossa cultura que a Chancelaria promove no exterior e também servirá para acolher diversas manifestações culturais de outros países. Trata-se de um marco histórico na promoção cultural do Peru, que deverá ser seguido com a criação de outros centros similares em algumas outras capitais de países amigos. ●

CHASQUI

O Correio do Peru
Boletim Cultural

MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES

Subsecretaria de Política Cultural Exterior
Jr. Ucayali 337 – Lima, Peru.
Telefone: (511) 311-2761 Fax: (511) 311-2762
E-mail: postmaster@mree.gob.pe
Web: www.mree.gob.pe

Os artigos são responsabilidade dos autores. Este boletim é distribuído gratuitamente pelas Missões do Peru no exterior.

Tradução:
Angela Peltier de Maldonado

Impressão:

DIRETORIA EMPRESARIAL

PROMPERU
Comissão de Promoção do Peru
Calle Oeste No. 50 – Lima 27
Telefone: (511) 224-3279
Fax: (511) 224-7134
E-mail: postmaster@promperu.gob.pe
Web: www.peru.org.pe

PROINVERSIÓN
Agência de Promoção da Inversão
Paseo de la República No. 3361
piso 9 – Lima 27
Telefone: (511) 612-1200
Fax: (511) 221-2941
Web: www.proinversion.gob.pe

ADEX
Associação de Exportadores
Av. Javier Prado Este No. 2875 – Lima 27
Telefone: (511) 346-2530
Fax: (511) 346-1879
E-mail: postmaster@adexperu.org.pe
Web: www.adexperu.org.pe

CANATUR
Câmara Nacional de Indústria e Turismo
Jr. Alcanfores No. 1245 – Lima 18
Telefone: (511) 445-251
Fax: (511) 445-1052
E-mail: canatur@ccion.com.pe

NISSAN

A CULTURA MUDA O FUTURO



DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM PERU

CONVIDADO DE HONRA

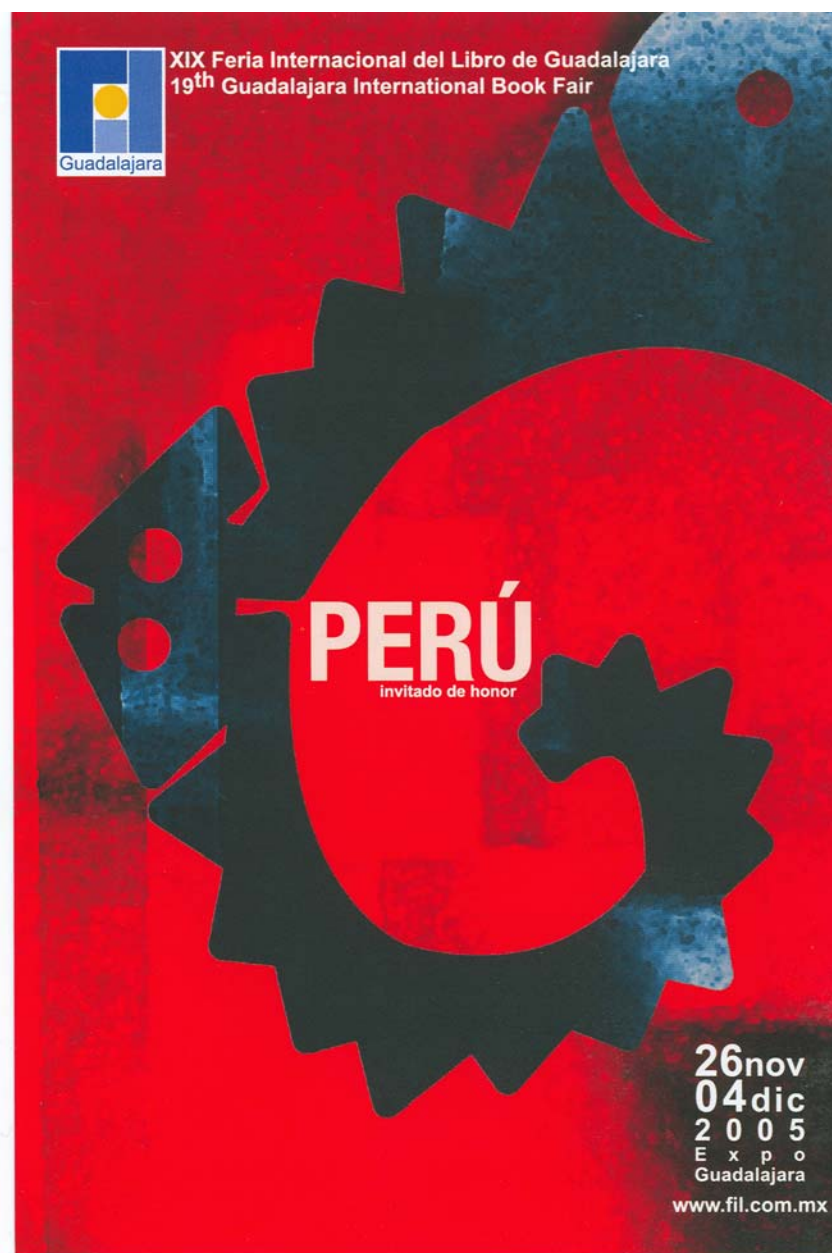
O Peru é convidado de honra à XIX Feira Internacional do Livro de Guadalajara.
O vasto programa anunciado privilegia autores e livros do país.

A Comissão Nacional encarregada de organizar a participação do Peru na próxima Feira Internacional do Livro de Guadalajara, talvez a mais importante do gênero no âmbito hispano-americano, anunciou faz poucos dias o Programa Geral que levará à capital tapatía. A Comissão, presidida pelo Ministério de Relações Exteriores e integrada pelo Instituto Nacional de Cultura, a Biblioteca Nacional, Prompex e Promperu, contou com a colaboração de diversas instituições e personalidades da cultura peruana para a elaboração do projeto. Merece uma especial menção o grupo de reconhecidos críticos peruanos que orientou a seleção dos autores.

Está previsto que no Pavilhão do Peru, se realizarão seis exposições bibliográficas. A primeira estará dedicada ao Inca Garcilaso de la Vega, figura emblemática da mestiçagem americana que, há precisamente quatrocentos anos, publicou sua famosa versão da conquista de La Florida. A segunda amostra vai se referir à gastronomia peruana, verdadeiro fenômeno bibliográfico nacional dos últimos tempos. A cozinha peruana começa a ser considerada, com justiça, uma das mais importantes do continente. O país que brindou ao mundo a batata e outros alimentos fundamentais, quer oferecer um banquete de receituários e novas publicações.

A terceira amostra estará dedicada à poesia peruana do século XX, considerada pela crítica entre as mais intensas da língua espanhola escritas no século passado. De Vallejo a Jorge E. Eielson, Emilio Adolfo Westphalen e Blanca Varela, o importante caudal da expressão poética do Peru também terá um lugar privilegiado na Feira. Foi anunciado, igualmente, uma exposição bibliográfica referente à biodiversidade do país, que por algo figura entre os cinco megadiversos do planeta. Outra exposição será sobre a diversidade cultural do povo peruanos.

O Peru tem 25 milhões de habitantes. A maioria se considera mestiça, mas existem vários milhões de língua quíchua, centenas de milhares de língua aymara e milhares de habitantes da Amazônia que falam dezenas de outras línguas. É, como diz o título da novela de José María Arguedas, um país «de todos os sangues», enriquecido por um forte componente africano e asiático e por sucessivas ondas de emigração européia. A abundante bibliografia existente será objeto de uma aguda observação. A última exposição tratará do patrimônio nacional, do qual estão inscritos dez lugares na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, liderados pelo santuário de Machu Picchu. Na Feira serão também apresentados notáveis



edições sobre os grandes valores da cultura peruana.

Anuncia-se ainda uma completa exposição-venda de livros peruanos, classificados por temas. Mais de três mil quinhentos títulos serão postos ao alcance do público. Esse esquema de venda permitirá maior participação de títulos e editores do Peru e vai garantir um caudal de exemplares que o público apreciará, sem dúvida. Os editores nacionais só precisarão se preocupar de suas transações durante os três dias do salão profissional. O transporte dos livros estará a cargo da comissão, enquanto a venda estará sob consignação de uma importante livraria mexicana. A comissão, com o importante apoio dos auspiciadores e da FIL, também vai se encarregar da montagem do pavilhão, do programa literário e de outras atividades.

Anuncia-se no programa literário uma numerosa delegação de autores peruanos. O programa foi elaborado tomando-se em conta as recomendações feitas pelos principais críticos nacionais. Entre outros, foram convidados Mario Vargas Llosa, Alfredo Bryce Echenique,

Carlos Germán Belli, Alejandro Romualdo, Gustavo Gutiérrez, Antonio Cisneros, José Miguel Oviedo, Julio Ortega, Miguel Gutiérrez, Edgardo Rivera Martínez, Pablo Guevara, Laura Riesco, José Watanabe, Gregório Martínez, Carmen Ollé, Fernando Ampuero, Jorge Nájjar, Raquel Chang-Rodríguez, Carlos Aranibar, Julio Ortega, Oswaldo Reynoso, Jorge Nájjar, Abelardo Sánchez León, Luis Nieto Degregori, Alonso Cueto, Oswaldo Chanove, Mariela Dreyfus, Jorge Benavides, Fernando Iwasaki, Jaime Bayly, Peter Elmore, Mario Montalbetti, Eduardo Chirinos, Rocío Silva Santisteban, Iván Thays, Rossella di Paolo e Santiago Roncagliolo. Também foram convidados Blanca Varela e Jorge Eduardo Eielson, que receberão uma homenagem especial. Diante da impossibilidade de convidar todos os autores nacionais, privilegiou-se a criadores especialmente reconhecidos, de diversas gerações e tendências. Como corresponde a um país que vive sob um regime democrático, a participação dos autores não implica nenhum tipo de adesão política ou ideológica.

O programa acadêmico contará também com os principais expoentes da cultura peruana em diversas áreas. Destacados intelectuais e acadêmicos peruanos participarão em encontros e mesas redondas dedicados a analisar diferentes aspectos das ciências sociais, do direito, da comunicação, entre outros. O programa está organizado pela Universidade de Guadalajara, impulsora da Feira e notável centro de formação intelectual. Em breve será anunciada sua agenda.

De acordo à forma de organização da Feira de Guadalajara, corresponde ao país convidado, além da presença de livros e autores, apresentar ainda uma seleção de espetáculos na explanada do recinto da Feira, durante as nove noites que a mesma permaneça, enriquecendo assim a vida cultural da cidade com algumas exposições relevantes. Para a explanada da FIL já se confirmou a presença de notáveis artistas peruanos como Tania Libertad —muito querida no México, onde desenvolveu uma magnífica carreira— a reconhecida Susana Baca, Raúl García Zárate, Manuel Miranda e os grupos Yuyachkani, Milenium e La Sarita.

O Peru levará também uma exposição de pintura e gravuras de Fernando de Szyszlo, importante figura da arte latino-americana. Seus trabalhos serão exibidos no Museo de Arte da Universidade de Guadalajara. Além disso se anuncia a amostra de fotografia peruana, com obras dos grandes fotógrafos Martín Chambi, Carlos e Miguel Vargas e dos novos artistas. A presença do Peru será realçada com exibição de filmes peruanos dos últimos anos. Igualmente se realizará um festival gastronômico de comida peruana no Hotel Hilton.

Dada a importância do evento, que contribui ao fortalecimento das relações fraternais entre o Peru e o México, as autoridades mexicanas convidaram como é de praxe, o senhor Presidente da República. A Comissão convidará também aos principais líderes políticos e de opinião do país, com o propósito de alentar a promoção de políticas de Estado a favor do livro e da cultura. Entre os principais auspiciadores estão a Pontifícia Universidade Católica do Peru, a Universidade de San Martín de Porres, Southern Peru, Corporación Bimbo, o jornal *El Comercio*, a revista *Caretas*, Canal 7-IRTP, Aero México além de outras importantes empresas e instituições. Trata-se, em suma, de um grande esforço realizado pelo Peru para promover seus principais autores, sua emergente indústria editorial e notáveis expressões criadoras de sua milenária cultura. ●

E-mail: comisionguadalajara@ree.gob.pe